

**SUJEITOS DO
BIOGRÁFICO: jornalistas
e a construção do status
de autoria na produção
da biografia como
reportagem**

**SUBJECTS OF THE
BIOGRAPHICAL: journalists and
the construction of authorship
status in the biographies'
production as reports**

**SUJETOS DEL BIOGRÁFICO:
periodistas y la construcción del
status de autoría en la
producción de la biografía como
reportaje**

Karine Moura Vieira^{1, 2}

RESUMO

O presente trabalho são reflexões desenvolvidas a partir da tese "Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros", defendida em 2015 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e se debruça sobre a constituição dos jornalistas como sujeitos do biográfico. A partir dos discursos das suas práticas enquanto autores de biografias, Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães e Regina Zappa refletem sobre a processualidade do biografar, a circulação de saberes e a construção do seu status de autoria.

¹ Jornalista. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Unisinos). Professora do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul). E-mail: karinemourav@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Escola Superior de Propaganda e Marketing ESPM-Sul, Rua Guilherme Schell, 268, Santo Antônio – Porto Alegre-RS, Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p418>

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; jornalismo; autoria; reportagem; prática.

ABSTRACT

The present work is a reflection developed from the thesis "Do a know: the construction of biography: the discourse of authorship on the journalistic practice in the production of biographies by Brazilian journalists", defended in 2015 in the Postgraduate Program in Communication Sciences of the University of Sinos Valley (Unisinos) and focuses on the constitution of journalists as subjects of the biographical. From the discourses of his practices as authors of biographies, Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães and Regina Zappa reflect on the biographical process, the circulation of knowledge and the construction of his authorial status.

KEYWORDS: Biography; journalism; authorship; reporting; practice.

RESUMEN

El presente trabajo son reflexiones basadas en la tesis "De hacer un saber: la construcción de una biografía: el discurso escrito sobre la práctica periodística en la producción de biografías por periodistas brasileños" defendida en 2015 en el Programa de Posgrado en Universidad de Ciencias de la Comunicación del Valle del río dos Sinos (Unisinos) y se centra en la creación de periodistas como sujetos del biográfico. A partir de los discursos de sus prácticas como autores de biografía, Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães y Regina Zappa reflejan sobre procesualidad de la escrita, la circulación del conocimiento y la construcción de la condición de la autoría.

PALABRAS CLAVE: Biografía; el periodismo; autoría; informar; la práctica.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 16.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Introdução

Do burburinho da redação para a solidão de um escritório, uma sala ou até o quarto da filha. Dos centímetros/columnas dos jornais e revistas para as centenas de páginas de um livro. Do *deadline* de algumas horas, dias, no máximo meses, para prazos largos de três, cinco, nove, quinze anos, ou mesmo uma vida inteira. Em comum, um mesmo interesse: gente, vidas, histórias de vida. Trajetórias que movem a travessia dos jornalistas à biografia, conduzidas pelo contar. De si e da sua carpintaria. Das suas biografias como jornalistas autores de biografias. A prática de cinco jornalistas que escolheram a biografia como exercício de reportagem foi o tema da tese *Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, defendida em 2015 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Assim como eles, partilho do mesmo ofício, interesse e o gosto pelo narrar e a paixão por biografias, circunstâncias que me mobilizaram para a pesquisa sobre o fazer jornalístico na produção de biografias. Para tanto sustentei a investigação na realização de entrevista em profundidade com um grupo de jornalistas que se tornaram referências na produção de biografias no Brasil: Alberto Dines, Ruy Castro, Lira Neto, Mário Magalhães e Regina Zappa.

Todas as entrevistas foram realizadas nos locais de produção dos autores, entre nos meses de janeiro, fevereiro e outubro de 2013, nas cidades do Rio de Janeiro – Mário Magalhães, Regina Zappa e Ruy Castro – e, em São Paulo, – Alberto Dines e Lira Neto. Das horas de entrevistas com os cinco jornalistas, nasceu uma narração trabalhada na complexidade da escuta, aberta e compreensiva, ligada à hermenêutica (BARTHES, 1990), que quer decifrar,

buscar sentido. Do como escutar surgem as pistas de como narrar. Um trabalho conjunto, construído na esfera dialógica, uma partilha de experiência e narração entre entrevistados e entrevistadora (ARFUCH, 1995; GUILHAUMOU, 2005, ALONSO, 1998).

O dizer sobre o que são e o que fazem – ou o que pensam ser e fazer –, intercambia-se, soma-se, funde-se, diverge-se na escrita construída a partir da reflexão sobre esses encontros. Neste recorte, escolhi trabalhar com os relatos de Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães e Regina Zappa e, desta forma, apresento parte da análise desenvolvida no trabalho de interpretação das entrevistas, destacando como eixos reflexivos sobre os saberes do jornalismo, práticas e valores, a partir da fala³ desses autores jornalistas, na ambiência de suas posições como biógrafos, pesquisadores, autores que refletem sobre a construção do ofício de biógrafo e dos saberes do biografar por meio dos seus começos e das referências profissionais nesse fazer, e a constituição do status de autoria.

A construção de um ofício e um saber

Quando decidiu escrever sobre a vida do biógrafo austríaco Stefan Zweig, Alberto Dines foi aconselhar-se com Antônio Houaiss sobre como fazer uma biografia.

Dines: [...] o negócio é o seguinte, eu nunca fiz uma biografia, eu já li muita biografia, mas nunca fiz. Eu queria que você me ensinasse o segredo. E ele começou a falar das biografias que ele leu e que achou importante. Mas em algum momento, ele falou assim, "o Dines, você é um jornalista, seja jornalista".

³ Para registrar os diálogos das entrevistas e os trechos das falas dos entrevistados, essas estão destacadas em gisha, corpo 10, sem indicação de parágrafo.

O conselho que poderia ser óbvio, foi uma revelação.

Dines: [...] e eu falei não, realmente eu sou um jornalista. E isso me deu, me abriu, digamos, uma metodologia muito mais livre, descompromissada porque o repórter... cada reportagem é uma reportagem diferente da anterior. Essa noção foi muito importante para mim, e eu acho que isso que deu uma certa palpitação ao meu livro, porque ele tem um quê de reportagem, a primeira edição.

Era a virada dos anos 1970 para 1980 e as biografias no Brasil viviam um período de ostracismo, por assim dizer, com uma retração do gênero pela crítica, vista como um subgênero. Um movimento comum em relação à biografia não apenas no Brasil, mas que no contexto nacional aliou-se a outras questões, segundo Andrade (2013: 113): “[...] a crítica e a crítica literária praticadas no Brasil, sob o controle e a censura nas décadas de 1960 e 1970, foram bastante atingidas, além do encolhimento do mercado livreiro e dos limites ao direito de expressão”. Além disso, Andrade ressalta uma visão de uma crítica de esquerda sobre a modalidade percebida somente por uma valorização do indivíduo “em detrimento das massas”. Ou seja, a dimensão individual colocada em segundo plano, para se pensar o sujeito histórico e social.

Morte no Paraíso foi publicado em 1981 e, em 2013, ganhou uma quarta edição ampliada. São mais de 30 anos de Stefan Zweig com Alberto Dines, o mesmo tempo de um novo momento do biografismo brasileiro. Dines adora falar sobre biografias, é um apaixonado pelo gênero e compreende a dimensão que seu livro sobre Zweig teve para esse novo contexto da biografia no Brasil.

Dines: E de repente toda uma nova geração e não sei o que, então deu o negócio de reportagem. E não foi por causalidade que dois grandes biógrafos que me conheciam, que hoje são grandes... um foi o Fernando Moraes e o outro o Ruy Castro, em épocas diferentes, me procuraram. O Fernando Moraes não ia fazer a biografia da Olga, ele ia fazer uma reportagem sobre a prisão e morte dela. No fundo é a mesma coisa, eu fiz uma reportagem que pode ser chamada de biografia, mas ele queria conversar comigo sobre o que eu fiz com o Zweig. [...]. E depois o Ruy Castro. Esse eu tinha mais contato com ele, porque é carioca, quer dizer, é mineiro mas vivia no Rio (de Janeiro). Também a mesma coisa, ele repórter, jornalista que queria fazer [...]. Então isso deu, digamos, marcou a nova biografia brasileira como uma ramificação, ou

como uma sublimação do jornalismo, entendeu? Estabeleceu essa coisa que a nova geração de biógrafos brasileiros teria que ser jornalistas. Na verdade, quem começou isso, e eu agora citei, foi o Raimundo Magalhães Junior.

Ao contar sobre esses encontros com Fernando Morais e Ruy Castro, Dines confirma a existência de uma referencialidade entre os jornalistas-biógrafos brasileiros dentro de uma geração que vem deixando a sua marca no biografismo nas últimas três décadas. Uma escola informal de aprendizado. Mário Magalhães trabalhou com Fernando Morais, assim como Lira Neto. Mário tinha 23 anos e estava trabalhando na editoria de Cultura de O Globo:

Magalhães: Eu trabalhei no Chatô. Larguei o caderno do Globo em 1987 para trabalhar com o Fernando Morais. Fiz boa parte das pesquisas no Rio.

[...]

Trabalhar com o Fernando Morais foi muito bom. Primeiro, ele é um grande chefe de reportagem, um grande pauteiro. Eu tinha 23 anos. Segundo, me permitiu passear muito pela história, por exemplo, eu tive que ler para o Fernando toda a coleção do Diário da Noite Carioca, dos Associados.

O aprendizado como colaborador de Fernando Morais contribuiu para sua aventura pela biografia, aos 39 anos. Com uma sólida e premiada carreira no jornalismo, atuando na Folha de São Paulo, decidiu biografar Carlos Marighella, um personagem controverso – guerrilheiro, deputado federal pelo Partido Comunista preso no Era Vargas e morto durante a ditadura militar nos anos 1960 – apagado na história nacional e que ganhou um novo capítulo pela publicação da sua história de vida.

Lira Neto já trabalhava há algum tempo na redação do jornal O Povo, onde foi *ombudsman*, mas na época trabalhava na Fundação Demócrito Rocha, que pertencia ao jornal à frente de um braço editorial, na publicação de livros. Quando foi descoberto por Morais, já tinha publicado o seu primeiro livro, *O*

poder da peste: a vida de Rodolfo Teófilo (1999), biografia sobre o médico sanitarista que enfrentou uma epidemia de varíola em Fortaleza, no século XIX. Lira Neto lembra que os dois autores, Fernando Morais e Ruy Castro, foram suas referências nessa primeira incursão pelo biográfico.

Neto: Quando, um belo dia, o Fernando Morais liga para a redação do jornal, ele estava precisando de um pesquisador para fazer uma pesquisa sobre o Floro Bartolomeu, que ia ser um dos personagens de um livro que ele nunca fez, o Século Inacabado e o Personagem do Lado B do Brasil e tal. E quando ele ligou para a redação procurando um jornalista que tivesse perfil de pesquisador, o pessoal me indicou. [...] Fernando me contratou, trabalhei para ele um bom período, pagava mal para caramba, e gostei, e aprendi muito com ele. Ai tudo aquilo que eu tinha feito de maneira intuitiva, eu tinha agora um Fernando me dando algumas dicas, me tirando, inclusive, me roubando um pouco daquela linguagem literária para uma linguagem mais jornalística. E aí eu vi que era possível fazer jornalismo mesmo ali no livro. Foi quando eu comecei a planejar o Castelo.

O entendimento de pertença a um movimento de renovação do biográfico no Brasil é percebido por Lira Neto, que ressalta nesse cenário a importância da editora Companhia das Letras, responsável pela publicação de *best-sellers* da biografia no país.

Neto: [...] é a Companhia das Letras no Brasil que detém o maior know how de biografias. Então, muito da redescoberta do gênero no Brasil se deve à Companhia das Letras e se deve ao Fernando e ao Ruy, ali que nos anos 80 escreveram obras primas. Fernando com Chatô, principalmente, e o Ruy com Chega de Saudade, Garrincha, Nelson, Carmen. [...] Então eles ali redescobriram um gênero que rapidamente foi de fácil aceitação pública, eu acho que por uma série de motivos, primeiro porque eles escrevem muito bem, segundo porque souberam escolher bons temas, terceiro porque, naquele momento, havia um momento de emergência da nossa sociedade, tinha acabado de sair de uma ditadura, as histórias eram muito mal contadas ou não contadas, e o Fernando e o Ruy chegaram a um público grande contando a história do Brasil. Então as pessoas começaram a compreender a história do Brasil a partir dos livros do Fernando e do Ruy. Tem um componente inevitável da boa biografia que é uma pitada de voyeurismo que também chama atenção das pessoas, essa arqueologia da vida privada do indivíduo e de que forma essa vida privada impactou as trajetórias públicas, eu acho que tudo isso são ingredientes que explicam um pouco o sucesso da biografia.

Mário Magalhães não chega a se afirmar como parte de uma nova geração, mas ao discorrer sobre essa referencialidade, traça algumas diferenças entre ele, Fernando Morais e Ruy Castro – que, na sua opinião, são “Pelé e Garrincha” da biografia. Magalhães atribui aos dois o mesmo estatuto de autoria em que se percebe, o de repórter.

Magalhães: Eu acho o seguinte, as pessoas gostam de ler biografias de jornalistas porque, primeiro, falando, de gente como o Pelé e o Garrincha (Fernando Morais e Ruy Castro), que são histórias muito bem contadas e porque gostam de gente, gostam de reportagem. Sempre houve essa tensão entre historiadores e jornalistas, acadêmicos e repórteres. Eu busquei o texto, é um texto jornalístico. É um relato jornalístico. Mas eu incorporo muitos padrões da historiografia, marcadamente nas notas sobre fontes. O Ruy e o Fernando não usam e tem autor que às vezes usa, às vezes não, eu fico sem entender qual é o critério. Se acha que é importante, se não acha. Mas é uma coisa da historiografia.

Na sua reflexão, ele vai além e aposta numa aproximação ainda maior da história e do jornalismo pela biografia, pela união e apropriação de métodos e narrativa.

Magalhães: Então, é muito provável que a gente assista, nos próximos anos, nas próximas décadas, obras que contam uma história que acabam combinando o que as biografias jornalísticas têm de melhor. Além do jornalista dominar o instrumental da apuração e o processamento das informações. Quer dizer, o que tem de melhor é a narrativa, a maneira de contar com o rigor da academia que tende a ser mais analítica, mais profunda, mas com textos muito secos e difíceis de ler. Eu acho que tem de haver uma combinação maior. E acho que, de certo modo, o Marighella tem um pouco disso, embora seja, essencialmente, uma biografia jornalística. E eu sempre digo, eu não sou historiador, eu não sou um cientista político, eu sou um repórter e se eu falo é de questões mais profundas históricas e políticas é pra contextualizar os personagens no seu tempo.

Esse movimento evolutivo do biografismo brasileiro na contemporaneidade revelado nos percursos desses jornalistas, nos seus deslocamentos da redação para a escrita de livros e os seus aprendizados uns com os outros, evidenciam a construção de uma episteme, um conhecimento instituído no aprendizado pela experiência de um jornalista para o outro, pelas obras, pela colaboração como pesquisadores para as mesmas, pelos diálogos,

pelas trocas. Fernando Morais foi um interlocutor de Lira Neto na produção das biografias de Padre Cícero e Getúlio, como também de Mário Magalhães.

Os jornalistas reconhecem a renovação do biográfico no Brasil pelo seu trabalho, mas também percebem um movimento interno desse fenômeno, uma atualização do gênero dentro do grupo por meio das práticas de pesquisa e narrativa. No trabalho de cruzamento das entrevistas, percebo uma noção de grupo comum a todos os entrevistados e uma noção de existência de um biografismo e de um ofício que já constroem uma referência dentro do jornalismo brasileiro. Biografar é hoje um trabalho jornalístico dentro do campo de produção do jornalismo, assim como o trabalho em redações. Na reunião de suas falas percebo a repetição de uma delimitação de identidade. O discurso de si, o discurso arquetípico (ALONSO, 1998: 21) sobre a percepção de si no contexto do grupo é a de uma posição de autoria e de produção: a do repórter. É desses lugares de fala que parto para compreender a sua prática no biográfico.

O status de autoria - do jornalista ao biógrafo

As falas dos jornalistas apresentam dois pontos importantes: a posição de autoria e o atravessamento de campos na biografia com a intersecção entre o jornalismo, a história e a literatura. A construção desse saber do biografar por esse grupo de jornalistas revela uma noção de "autorialidade" (MAIGUENEAU, 2010). Pensando no dimensionamento proposto por Maingueneau (2010) para conformar o conceito de autor, esses jornalistas exemplificam a terceira instância, o "auctor", na processualidade da sua formação como biógrafos. Eles

já se enquadram nessa definição ainda enquanto jornalistas nas redações, atendendo a dois dos três estágios: são responsáveis por diversos textos produzidos em rotinas produtivas determinadas e possuem diversos textos publicados que podem ser reunidos e transformados em obra, *Opus*. Mas ao se tornarem biógrafos alcançam o terceiro estágio, a “imagem de autor” que está relacionada ao reconhecimento de terceiros, leitores, o mercado e a imprensa. Maingueneau propõe ainda um quarto estágio, quando o prestígio desse autor é tamanho que textos que não estariam destinados ao conhecimento público acabam sendo publicados. A autoria desses profissionais está referendada pela posição como biógrafo, como imagem de autor, e é por ela que atualmente são conhecidos. Sua imagem de autor é a do biógrafo, mas a sua fala de autor é do jornalista, do repórter. Um discurso de si muito baseado nas suas práticas e nos conhecimentos jornalísticos trabalhados a serviço do biográfico.

Mário Magalhães deixa claro o seu lugar de fala:

Magalhães: [...] eu sou essencialmente um repórter. Já fiz de tudo no jornalismo, mas eu sou essencialmente um repórter. [...] É evidente que esse livro está impregnado do sangue e da cabeça de repórter. Bom, primeiro isso é uma biografia jornalística, é uma peça jornalística. É mais precisamente é uma reportagem e uma reportagem é o um gênero, talvez o mais nobre do jornalismo. Eu demorei muitos anos. Escrever deu muito mais trabalho do que apurar, por mais monumental que seja a apuração.

Regina Zappa não tem uma visão tão definida sobre a sua posição:

Regina: [...] eu não sei muito bem como que eu me coloco assim. Sou escritora? Não é totalmente isso. Sou jornalista? Não sou mais tão jornalista, já não trabalho pra jornal. Trabalhei a vida inteira em jornal, ou revista e tal. Eu acho que é uma mistura de jornalista.

Para Lira Neto, o ser repórter é o que lhe representa:

Neto: Isso para mim não constitui um dilema não, sabe? Eu prefiro me identificar sempre como jornalista, aliás, não uso mais cartão de visita, mas quando até bem pouco tempo eu usava, era

de jornalista. Nos créditos de TV é jornalista, na ficha de hotel, Lira Neto jornalista. Então para mim é porque eu acho que tem algumas pessoas que acham que ser escritor também, ganha, como eu te disse, ganha uma outra estatura. Me chamem como quiserem, eu escrevo livros, mas sou um jornalista, e nem acho que ser escritor seja alguma coisa tão soberba. Ser escritor é um ofício intelectual como outro qualquer. Mas eu, como jornalista, estou cada vez mais repórter, hoje eu sou essencialmente um jornalista e cada vez mais próximo do repórter, que é um gênero do jornalismo. Então esse gênero jornalístico da reportagem é o que cada vez mais me mobiliza, é o que cada vez mais eu me identifico, me sinto confortável na nomenclatura de repórter do que em qualquer outra.

O afirmar-se repórter/jornalista parece dar a esses autores um suporte para sua atuação como biógrafos: do jornalismo, de um campo plenamente estabelecido, detentor de um *ethos* definidor da sua representação social, da sua noção de sujeito e grupo. O dizer-se repórter, na perspectiva da função-autor de Foucault (2001), assegura-lhe o condicionamento a valores que estão relacionados ao *ethos* jornalístico, credibilidade, verdade, objetividade e que são percebidos na sociedade, e pelos quais são identificados, observados e interpretados. Além disso, o dizer-se repórter atribui à posição de biógrafo essa mesma percepção. O *ethos* jornalístico agrega ao *ethos* biográfico a mesma condição de identidade (CHARAUDEAU, 2007). Dizer-se repórter determina o seu lugar de produção e ainda rearticula o significado do status biógrafo quando este é assumido por um jornalista. Também diferencia a sua posição em relação aos historiadores e literatos quando biógrafos.

Para Magalhães, não há uma diferença da autoria no biográfico para a autoria na redação, como também não há distinção no trabalho coletivo para a apuração.

Magalhães: Eu sempre me senti autor das reportagens que eu assinei. Quando eu era ombudsman, isso é abril de 2007 a abril de 2008, eu sempre insistia com a ideia de não vulgarizar a assinatura. Ou seja, a Folha estava assinando e os repórteres ficavam felizes de ver o seu nome, repórteres ou profissionais de outras funções, ficavam felizes. Achavam que estavam se valorizando profissionalmente, tendo o nome impresso no jornal. Quando a minha ideia era justamente o contrário, a assinatura no jornal deve ser reservada para trabalhos dignos de terem autoria reconhecida. [...] Então, pra mim, não é uma novidade. Então, a ideia de que, mesmo com uma assinatura, uma reportagem no jornal é fruto de um trabalho, de um esforço

coletivo, ela se mantém. Eu tento destacar nos agradecimentos que isso aqui é um trabalho coletivo, então, não muda. É o mesmo processo, é o mesmo conceito jornalístico, mesmo de uma redação de um jornal diário.

A questão da assinatura levantada por Magalhães é problematizada por Christofolletti (2006: 41) na discussão sobre autoria no jornalismo. Uma das características da autoria jornalística é a posição mediadora “entre acontecimentos noticiáveis e cidadãos” e nesse contexto, a autoria fica mais ou menos nítida de acordo com alguns índices, como marcas discursivas, estilo de escrita. No jornalismo, diferente da literatura, a criação está no ato de mediar da melhor forma a informação. Para tanto, a autoria jornalística estaria condicionada à legitimidade do lugar de fala – no caso do jornalismo diário, na vinculação com a instituição – e à capacidade do repórter no bem narrar “ou o que dá à sua voz um timbre autorizado a narrar” (CHRISTOFOLETTI, 2006: 51). Para o pesquisador (2006: 51), ser autor “é – antes de tudo – uma função a ser encarnada e por isso depende de vontade e de ação”. A vontade e a ação em uma reportagem podem resultar em um exercício de apuração e bem narrar digno de uma assinatura. Na comparação do trabalho na redação e na biografia, Magalhães destaca que a noção de coletividade se mantém, com o trabalho de colaboradores. Ele contou com a ajuda de uma equipe de historiadores e repórteres que foi chefiada pelo jornalista à medida das suas necessidades de apuração. Da mesma forma como aprendeu, lá atrás, com Fernando Moraes. Ele faz questão de ressaltar que não terceirizou nenhuma das 256 entrevistas.

Magalhães: Eu não terceirizei uma entrevista.

Karine: Sim, tu fizestes todas as entrevistas. Mas que tu precisas de um aporte de pesquisa, porque senão tu não tens como terminar. Mas tem essa imagem, o livro dá muito isso. O livro dá essa impressão da autoria. Talvez não numa visão tua, mas uma visão externa do teu leitor.

Magalhães: [...] Tem casos de biografias em que se usam, exclusivamente, entrevistas feitas para outros projetos. O cara faz uma biografia e fica propagandeando dos seus feitos de grande autor. [...] Eu não conseguiria, eu precisava olhar nos olhos das pessoas. Eu precisava ver o que as emociona, o não as emociona, o que foi marcante, o que não foi marcante. Eu não saberia fazer uma biografia do Marighella sem olhar nos olhos das pessoas. [...] Eu precisava saber onde o Marighella foi batizado e não deu pra saber, eu não fiz isso, eu terceirizei com as meninas da Bahia. Não tem registro. Eu precisava saber se ele foi batizado na Igreja de São Francisco, renderia o terço de uma frase. Mas as meninas que descobriram o registro do porto do pai dele. Mas, por exemplo, o inquérito de 32, isso era uma questão muito importante, isso é um capítulo inteiro. Então eu fui pesquisar no Arquivo da Bahia.

Karine: E esses pesquisadores te trouxeram coisas que tu não estavas esperando. Teve isso?

Magalhães: Claro, claro. É um pessoal muito qualificado, um pessoal muito bom. Isso eu dei muita sorte. Por isso eu faço questão, repórter, jornalistas, adoram escrever que fazem e acontecem, não é verdade isso. O jornalismo é um trabalho coletivo. Na condição de uma peça jornalística, o livro também é o resultado de um trabalho coletivo, embora quem tenha escrito o livro tenha sido eu.

Lira Neto também lembra a influência do trabalho com Fernando Moraes na condução da apuração com os colaboradores. Ele valoriza o trabalho com jornalistas nesse processo. Para ele, o seu colaborador tem que ter o olhar e o mitológico faro do repórter.

Neto: Então assim, mas o perfil é exatamente esse, um jornalista que tenha já algum traquejo de apuração, de reportagem, não necessariamente de apuração em arquivos, isso a gente vai treinando e vai familiarizando a pessoa. [...] E sempre faço como o Fernando fez comigo, ou seja, eu procuro identificar essas pessoas a partir de cada local que eu estou precisando. Então vamos supor que eu precise fazer alguma pesquisa em Cuiabá, a primeira coisa que eu faço é ligar para os jornais de Cuiabá para ver se tem algum jornalista que tem algum perfil desse tipo. Converso com ela por telefone para sentir o quanto a pessoa é, o que de substância essa pessoa pode ter, pergunto o que já fez, o que não fez. Mesmo que não tenha necessidade dessas pessoas produzirem texto, gosto de saber como elas escrevem, porque a partir daí eu começo a compreender a cabeça da pessoa, como ela estrutura o pensamento, se ela tem o faro para a coisa. Se no texto dela as informações estão concatenadas, aquela coisa. Então eu me cerco sempre desse corpo, geralmente os jovens jornalistas com muita vontade de pesquisar.

Na investigação com seus biografados vivos, Regina Zappa costuma trabalhar sozinha, fazendo as entrevistas e a pesquisa, mas utiliza a colaboração de profissionais em questões pontuais da investigação.

Regina: Nos livros do Chico, eu não tive ninguém, nunca, fazendo pesquisa. Eu fiz sozinha. E esse último dele, que eu tinha bastante material, material que até está aqui ainda. Mas o material eu consegui que o Instituto Tom Jobim conseguisse um patrocínio para digitalizar tudo. Então, quase tudo que eu tenho aqui está lá. Isso tudo facilitou pra mim e eu já conhecia, porque eu já ajudei eles a separarem o material, a catalogar e tal. No final, tinha uma menina lá do próprio Instituto que me ajudava a achar as coisas que eu pedia. "Olha, tem uma matéria, assim, assim". Porque eu achava, e ainda acho, um pouco confuso, esse portal. Tem tudo do Gil também. No Carvana, também fiz sozinha, eu fiz na base da entrevista e alguma pesquisa, em livros e tal, mas foram mais entrevistas mesmo. E nesse agora (do Gilberto Gil), eu fiz bastante pesquisa e eu tive duas pessoas me ajudando, um pouco na pesquisa iconográfica que eles pedem. Mas teve coisas que eu descobri e passei pra eles. Um bilhete da Condoleeza Rice para Gil, um bilhete da Bethânia, um bilhete da Gal, essas coisas. Tem esses manuscritos ali que, um pouco eu achei, um pouco eles acharam. E nesse, por exemplo, no material que eu tinha do Chico, eu chamei uma moça que veio aqui para ver, porque tudo dessa década 60, 70, pra descobrir nessas coisas, coisas do Gil. E tinha muita coisa. Então ela descobriu, copiou pra mim e tal. E o Fábio, que é uma pessoa que conhece muito de música, me ajudou a pesquisar também no Tom Jobim, e coisas pra verbetes, coisas específicas. Por exemplo, o dia que o Gil subiu no palco com os Rolling Stones, é uma historinha pequenininha. Então, ele passou umas coisas assim, mas a maioria foi eu que fiz, mesmo.

Christofoletti (2006) ressalta que, diferente de outras atividades intelectuais, o jornalismo é um campo de trabalho coletivo. Uma reportagem é desenvolvida por vários profissionais, pauteiro, repórter, ilustrador, fotógrafo, editor, diagramador – isso no universo do jornalismo impresso, origem desses jornalistas-biógrafos. "O resultado final é um complexo mosaico de interferência de distintos sujeitos, em maior ou menor escala" (CHRISTOFOLETTI, 2006: 40). Porém, a assinatura da reportagem, a responsabilidade pela produção, está convencionada ao repórter, ou algumas vezes, ao redator "com quem dividiu a tessitura do texto" (CHRISTOFOLETTI, 2006: 40). Assim, devido à complexidade do trabalho, há uma imprecisão sobre a autoria. Para ele, a assinatura não é uma garantia do direito de autor para um jornalista, mas que pode ser compreendida como uma "delação de que deve assumir os riscos do que foi escrito abaixo". Ou seja, o autor arca com as consequências da sua criação, para o bem e para o mal.

Ao detalharem seus processos de investigação com a ajuda de colaboradores, Mário Magalhães, Regina Zappa e Lira Neto destacam o seu

trabalho com a entrevista e a dinâmica de cada um na utilização da técnica. Magalhães faz questão de marcar o fato de ter feito as 256 entrevistas para a biografia de Carlos Marighella em nove anos produção. Um trabalho extenso, profundo, de mergulho na processualidade da pesquisa sobre o biografado. Nesse período, foi possível ouvir relatos de pessoas próximas do personagem, bem como os relatos de familiares de pessoas que já morreram, mas que tinham muito o que contribuir para a história. Uma memória que os documentos não abarcam. Além da memória, Magalhães reforça a necessidade de se aproximar da sua fonte, de apreendê-la não apenas pelo que tem a dizer, mas como diz, como se porta ao dizer, suas inflexões. A entrevista torna-se uma experiência, um momento de partilha, de construção (ARFUCH, 2010; CÁCERES, 1997; FRATINI; QUESADA, 1994; GUILHAUMOU, 2005) entre o entrevistado e o entrevistador, ambos sujeitos de um mesmo diálogo. A busca pela informação é o *leitmotiv* da entrevista, porém o constructo desse contato pode dar uma outra dimensão para a história que se está narrando. Alberto Dines defende, dentro do contexto da vida do biografado, o trabalho com a “fonte humana”, que, para ele, é de capital importância para a biografia e a aproxima do jornalismo, pois o jornalista está atrás do documento, mas também da “referência humana vital”. Em *Morte no Paraíso*, de posse da caderneta de telefones de Stefan Zweig, Dines foi em busca dos nomes que ali estavam para lhe dar pistas sobre o seu biografado.

Dines: [...] e eu fiz uma outra coisa, como eu conheço bem o ambiente brasileiro, fui ler quem são os intelectuais importantes do Brasil hoje, que possivelmente tenham cruzado com Stefan Zweig. Ai peguei Drummond, Rubem Braga, peguei o Samuel por telefone, morreu logo depois, Samuel Wainer, Joel Silveira, e peguei Gilberto Freire. Que morava em Recife, mas vinha porque ele era do Conselho Federal de Cultura, ou de educação não sei o que, vinha uma vez por mês ao Rio, e marquei com ele e conversamos muito sobre Stefan Zweig, muito. Então eu tive um material por quê? Porque sou jornalista.

A posição desses jornalistas na autoria está condicionada a sua posição de repórter que, na ambiência, do gênero biográfico, se coloca, em determinados momentos, como pesquisador - no trabalho com entrevista em profundidade, revisão bibliográfica, uso de notas de referências de fontes -, e como escritor ao explorar uma narrativa criativa, mas que precisa se sedutora. É o repórter quem articula esses outros sujeitos. É a cabeça de um repórter que constrói a identidade narrativa dos biografados na biografia. A reportagem é a expressão do texto biográfico.

Considerações finais

As conversas com Mário Magalhães, Regina Zappa, Alberto Dines e Lira Neto revelaram uma referencialidade entre os biógrafos. Uma troca de saberes e inspirações compartilhada por uma mesma noção de pertencimento, o jornalismo. O lugar de fala é o do repórter. Regina Zappa, que do grupo é a única que trabalha com biografados vivos, não faz uma referência direta aos outros autores, no que se refere a um aprendizado, mas também vê no biografar um espaço para exercício do jornalismo. Aliás, é importante eu ressaltar que há dois tipos de referencialidade. A referência à prática jornalística da redação, saberes que são levados pelo jornalista na sua construção como biógrafo - a técnica de entrevista, o primado da informação como um valor, o trabalho crítico com as fontes e documentos, a pesquisa como um processo de apuração, a busca pelo furo, pela revelação - e a referência do aprendizado do biografar pelo biografar de outros jornalistas. Dines teve como influência a obra de Raimundo Magalhães. Fernando Morais e Ruy Castro buscaram nas experiências de Dines um ponto de partida. Mário Magalhães e Lira Neto foram colaboradores de Fernando Morais que, ainda hoje é um dos primeiros leitores

das obras de Neto e também um interlocutor. Magalhães tem como interlocutores o “Pelé e Garrincha” da biografia.

A escuta desses jornalistas permitiu compreender esses intercâmbios de saberes, de reconhecimentos e de confluência de visões sobre o biografar. O discurso de si desses autores conforma um solo epistemológico (MAROCCO, 2012) no qual foi possível refletir sobre detalhes da carpintaria. Foi possível, por exemplo, perceber uma transformação na percepção na forma como os jornalistas trabalham com a divulgação das fontes a utilização e a valoração da entrevista como metodologia. Nos relatos desses jornalistas autores de biografias, percebe-se a compreensão que esses profissionais têm do seu ofício e das possibilidades do seu o saber jornalístico. Mas mais do que isso, a prática, como um valor, algo que deve ser diferencial e qualitativo do trabalho. Quase como uma constituição identitária do jornalista. A recriação das práticas pelo discurso (GIDDENS, 2009).

A contribuição desses jornalistas, mais do evidenciar a reportagem como uma narrativa no biográfico, é a sustentação do gênero para os leitores na contemporaneidade, em uma experiência de tessitura narrativa renovada, arejada, *fresca* como diz Dines. Uma renovação também e, eu diria, principalmente, para o jornalismo, como um novo espaço de escrita e investigação. O amálgama está no entremeio, no atravessamento, na intersecção do que o jornalismo contribui para a biografia e no que a biografia contribui para o jornalismo.

Referências

ALONSO, Luis Enrique. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. In: **La mirada cualitativa en Sociología**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1998.

ANDRADE, Mariza Guerra. **Anel encarnado: biografia e história em Raimundo Magalhães Junior**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ARFUCH, Leonor. **La entrevista una invención dialógica**. Buenos Aires. Ediciones Paidós, 1995.

_____. **O espaço biográfico – Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CÁCERES, Luis Jesus Galindo. **Sabor a ti – Metodologia cualitativa em investigación social**. Universidad Veracruzana, Xalapa. México, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Assinatura e impressões digitais: pela autoria no Jornalismo. In: FURLANETTO, Maria M.; SOUZA, Osmar. **Foucault e a autoria**. Florianópolis: Insular, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FRATTINI, Eric.; QUESADA, Montse. **La entrevista – El arte y la ciencia**. Madrid: EUEMA, 1994.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p418>

GUILHAUMOU, Jacques. **Efeito de sentido e visibilidade social: co-construção discursiva. O espaço de co-produção no trabalho do pesquisador.** In: II Seminário de Estudos em Análise de Discurso da UFRGS. 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise de discurso.** São Paulo: Parábola, 2010.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista como dispositivo de revelação do saber jornalístico. In: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa.** Porto Alegre: Libretos, 2012.